



A Virgem e o menino (Quadro de Van Dyck)

O admiravel quadro, do qual é copia a gravura que damos hoje aos nossos leitores, encontra-se no museu do Louvre, e deve-se ao inspirado pincel do discipulo de Rubens, o famoso Van Dyck, que, se nem sempre pôde ser collocado a par do mestre, como pintor historico, excedeu-o muito na suavidade, na graça, na harmonia do colorido. Reynolds, artista secundissimo, um dos mais notaveis pintores da Gran Bretanha, fallando acerca deste quadro, diz, que é uma das obras mais primorosas do insigne mestre da escola flamenga, uma das mais admiraveis criações do espirito humano, uma das melhores pinturas do mundo. Nunca o genio de Van Dyck se manifestou tão claramente, como nesta inimitavel produccão, que tão alta idéa nos dá do seu grande talento e do elevado grau de perfeição a que chegára no genero historico, se os retratos o não houvessem distraido tanto. «Effectivamente, surprehendem as

bellezas do estylo, a correccão do desenho e, a execução. A extatica expressão do rosto da Virgem, a sublime e angelica pureza de seus olhos levantados para o ceo, e a graça immaculada de seus formosos labios, que parece respirarem o halito da virtude, estão acima de todo o elogio. A cabeça do Menino Jesus é de rara perfeição; o rosto apresenta uma admiravel combinação da divina intelligencia com a graça infantil. O desenho das extremidades, isto é, das mãos das duas figuras e dos pés do Menino, são da maior correccão e verdade. A disposição das roupas é graciosa; o contraste do claro-escuro excellente; e o colorido em geral, ricó, harmonioso e encantador.»

Os vermes do sepulchro começam a roer a consciencia do malvado, antes de lhe devorarem as entranhas.

CHATEAUBRIAND.

A GALATÉA MODERNA.

XII

Sub tegmine fagi

No outro dia, conforme os nossos dois heroes haviam aprasado, devia Violante responder aos apaixonados protestos de Alfredo.

Entardecia já. O sol afundava-se no oceano, e as roxas cores do crepusculo lauxeavam de listões phantasticos a athmosphera, que parecia um mar cujas ondas immensas fossem de gaze tufadas pelo vento.

A serena e formidavel harmonia da natureza irrompia em jorros pelo vasto horisonte, e no céu, tão ligeiras corriam as nuvens, que mais pareciam o bafejar de anjos, que corressem á profia a alistar-se no paraiso, sob os olhos do Senhor. E a Fonte-Fresca, tão poetica e formosa, lá estava no seu lamento sonoro, e chorando aguas cristalinas, em cujos seios purissimos se revia a immensa coma do olmeiro, que só de quando em quando, por dias de estio, deixava passar um raio de sol, sylpho luminoso, que vinha brincar, saltar e beijar a limpha murmurosa.

Quando Alfredo chegou não vio ninguém, nem mesmo o raio de sol, que tão baixo ia e tão junto do horisonte, que já as grandes sombras abraçavam a terra.

Passado pouco ouviu Alfredo uma voz maviosa vinda do tronco do olmeiro, que assim dizia: — Pobre Menalca! Outr'ora, vivia aqui uma Dryade, loura e formosa, que Faunos e Sylvanos amaram loucamente. Hoje...

— Hoje, ó Dryade gentil, ó deusa propicia, ó fanal dos meus amores, responde-me do seio da folhagem, entôa os teus gorgeios mysteriosos, e dize-me que é amado o pobre pastor, que por ti se corôa de myrthos e pampanos!

— Pobre louco! Pedes amor e ninguém t'o pôde dar, que o amor é só invocado pelos poetas! Queres arrancar das cinzas um seio requeimado? Queres neste seculo, que as Dryades de Theocrito e Virgilio! Ai! meu desgraçado Menalca, quão enganado andas! Liber já me não protege; não me envolve em amorosos liames o aureo pampano, e a limpha não o serpêa em torno de mim com queixumes brandos e voluptuosos. Venus morreu tambem; Psyche fugio para sempre, e ninguém me anima a primavera, nem os amores com que eu entretecia a vida nos ramos deste olmeiro.

— Ouve, ó Dryade gentil, ouve os meus lamentos. Eu adoro Ida, linda e pudica como o botão da rosa, que abre os raios ao sorrir da aurora, no recato da noite. Quando me ella falla sinto fallar amor; se ri, ou chora, ou canta, canta, chora, ou ri amor. Assim é ella, ella é amor. Em tudo se conformam; e em tudo quizera tambem conformar-me. A ella ergo as minhas antisterias, por ella entôo Evohé. Quando a vejo tão bella, como a flor do acantho, brilhante como um raio de Phebo, vaporosa como Amphitrite, canora como Acheloide, mais formosa do que a lua que,

por noites de estio, beija a relva do prado, aonde saltam pyrilampos, sinto que a adoro.

— Ai! Procuras a morte, julgando encontrar a vida, ó pobre Menalca. A tua Ida é como a andorinha, que vem com a primavera e foge mal assomam os primeiros signaes do inverno. Não te fies d'ella, ó peregrino, que Ida é traidora. Não corras atraz d'ella, que as Galateas, quando fogem, levam o coração dos que as perseguem. Acredita na pobre Dryade, que te quer.

E Violante, toda rubra, saio do olmeiro, com os cabellos arraiados de um festão de hera entrelaçado de folhas de carvalho, e appareceu mais formosa do que a propria Dryade.

Alfredo proseguio:

— Se tu me amas, ó Dryade, se por amor de mim, tu te animaste como a estatua de Pygmalião, eu esqueço Ida, a linda bachante, por ti, que és mais formosa.

Violante parou, arrancando a corôa, e lançando-a para longe, exclamou n'um repente arrebatado:

— Ó meu caro primo, nunca julguei que tomasse tanto a serio o seu papel de Menalca ou Melibeu. Deixe-me rir, primo. Ha muito que não passo uma tarde tão divertida. Olhe que me custou a aprender o papel de Dryade. Devorei o dictionario da mythologia... porque me parece, salvo o erro, que estas suas confissões são verdadeiramente mythologicas. E demais, lembre-se da época em que vivemos. Obrigá-me a representar de Dryade, a mim, cujo futuro é morrer na clausura de um convento! Eu, que nasci para me rojar, victima innocente, nas lages de uma igreja, resando a Deus, não só pela salvação dos outros, senão para que me leve deste mundo de tristezas, desta solidão sem conforto, posso jámais comprehender esses loucos devaneios, em que o primo combina a mythologia, perpetua facecia amorosa, com os fremitos de uma paixão, que pôde nascer de repente e matar-me com torturas incomportaveis!... Ah! Alfredo, que mal lhe fiz, para tanto escarneo? Julga-me acaso algum joguete? Não sabe que o coração pôde um dia quebrar-se, como a corda de uma harpa tangida por mão descuidosa? E depois, se na solidão, aonde me houver arrojado, perdidas as poucas illusões, que me restam, eu gritar maldição como o naufrago no oceano tormentoso, poderá queixar-se de mim? É necessario acabar com isto, Alfredo, proseguio a donzella travando-lhe da mão com força. Amanhã será tarde talvez. O peito, que hoje soluça, quebrará logo, e o riso de ha pouco gerou as lagrimas de agora.

E Violante deixou-se cair sobre um banco rustico, tapetado de hera. Os soluços embargavam-lhe a voz. As lagrimas corriam-lhe em fio e sulcavam-lhe o rosto lindo que não perdera a alliveza. Ergueu-se de repente. Recobrou o porte senhoril, e olhando fito para Alfredo, exclamou n'um impeto:

— Não, Alfredo. Eu sou pobre, e as mulheres de minha raça não se vendem.

— Que diz, Violante? bradou Alfredo, segurando-a convulso. Eu, compral-a? Eu, que a amo com todas as véras de um coração juvenil, que se julgava descrido e que de repente, como a flor que recebe o rocio da madrugada, reviveu para a esperança! Quer quebrar a felicidade, em um momento, a felicidade, que tenho urdido com tanto afan guiado pelos raios do seu amor? Quem nos tolhe de sermos felizes? Pois não tem visto nestes brinquedos o meu amor, grande como o oceano, santo como uma caricia materna? E quer-me fugir! E quer abandonar-me á beira do caminho, a mim, que rastejo humilde no seu sulco de luz e amor! Oh! lance um raio nas trevas da minha vida; seja a estrella que me guia na solidão.

— Não, Alfredo. Não alevantemos edificios na arêa. Lembre-se quem eu sou e quem é o primo. Eu, pobre e mimoso passarinho batido da tormenta rugidora logo ao nascer, quebradas as azas no berço, marcada com o sello da desgraça, hei de recalcar no coração todos os impetos, todas as aspirações. O meu ideal é a escuridão do carcere. A minha liberdade as grades de um convento. O meu sorriso o tremendo amargor da clausura. E até o pranto, que me irromper do peito em soluços de angustia e desespero, esse mesmo pranto, que ninguem pôde negar ao afflicto, porque perante a dôr todos somos iguaes e não ha despotismo, que lá chegue; esse pranto abafal-o-hão as psalmodias da igreja e os sons dos orgãos em dia de finados. Mas ó primo! que de esplendores não antevê! Que ondas de harmonia não pôdem baloical-o na sua carreira radiosa! Que de ambições não pôde saciar no grande combate da vida! Ah! deixe-me! deixe-me! Bem basta o mal que me fez! E quer que eu lhe derrame luz! Eu, que nas trevas hei vivido, e nas trevas hei de morrer! Não junte a zombaria e o escarneo á minha dôr!

— Violante! Oh! querida Violante dêra a vida por convencil-a do meu amor!

— Ah! deixe-me desafogar. Lamentações, não as quero. You fallar a verdade, a verdade só, entende? Quando o vi, julguei-me mais forte. Sabia que meu pae queria unir-nos e levantar, com os seus, os bens arruinados d'elle. Tudo isto adivinhei, porque ninguem m'o disse. Ao principio, e quão louca fui, acreditei que podia fazer a vontade a meu pae. Enganei-me. Não me pergunte o motivo. Não quero dizer-lh'o. Arranque-me, se quizer, este coração maldito, que nem assim saberá a verdade. Essa, talvez nunca a saiba, e ai! de mim se a souber algum dia. Amanhã chega aqui a minha querida amiga baronesa. Traz-me um noivo. Não sei se me agradará. Bem sabe que sou de ruim contento, porque nem o primo me contentou, ao que parece. Mas não vê além aquelle cruzeiro, sobre aquelle monte? Hei de resignar-me, e unindo os meus aos braços da cruz, desposar-me-hei com o Senhor. Adeus! Esqueça-se de mim. Não lhe peço o sacrificio de continuar a viver comnosco.

E Violante ergueu-se, toda nervosa e convulsa, mas senhoril.

Alfredo ficou irresoluto, attonito e estúpido como quem se vê á beira de um abysmo e não sabe se ha de tentar salvar-se ou precipitar-se e achar descanso na morte.

Alevantou-se enfim e deu um passo para seguir Violante, que já ia longe, meio encoberta com as sombras da noite.

Mas baldo foi o esforço, que não pôde mover-se. Parece que o destino implacavel lhe fincára os pés na lage humida e escorregadia.

Em vão sentia o coração a bater-lhe no peito com ancia; em vão o vulto gracioso de Violante fugia, como uma fada gentil, pela devesa; em vão as arvores ramalhavam e agitavam as sombras; em vão o mar se espelhava ao longe com os derradeiros clarões do crepusculo. Era tudo em vão, que Alfredo só tinha olhos para a cruz, quasi tombada sobre as ruinas de uma capella. Era aquella a sua imagem, imagem melancolica de todos os afflictos.

Elle, que sentia força e animo para suster nos braços e amparar a virgem, cujos caprichos pareciam dores e amarguras; elle que quizera consolar-se amando uma donzella incomprehensivel, tornou-se instrumento de supplicio, e cruz viva, sentindo as proprias e alheias dores, ficára ahí tombado, nas brenhas do seu viver.

Como se fosse movido por uma força superior, começou a caminhar rapido para o cruzeiro. Assentou-se, litos os olhos no mar, espirito amarrado á dor e olhos rasos d'agua.

O que elle pensava, sabem-n'o os que os choraram um dia amargos prantos, por uma mulher adorada, que se esvaeceu de repente, em um ras-to luminoso, e os deixou nas sombras. Esses sim, e raros são, que pôdem comprehender a suprema dôr d'esses momentos, cujo conforto é a propria desgraça.

Pouco durou este supplicio.

Perto de Alfredo surgio um vulto, que saltava, e pulava, e começou de entoar em voz sumida:

Ai! triste de quem namora
Uma rosinha em botão,
Que só elle, o triste, chora,
É a rosa não chora, não.
Tristezas trazem amores.
Ai triste de quem namora.

Já então vinha rompendo o luar, luar de maio, melancolico, empanado de nuvens de trovoadas, como a luz que brilha no carcere do condemnado.

O vulto do innocente agitava-se e projectava a sombra confusa e esfumada na penedia agreste. E a voz tremula repetia a trova.

Alfredo ergueu-se então, e exclamou:

— Não. Ella não me ama! Porque lutar com o destino? Hei de ser homem. Hei de levar o supplicio até ao fim. Hei de assistir o enterro da minha alma.

E dirigio-se para o solar.

O innocente lá continuou cantando a sua trova cheia de desenganos.

(Continua)

CARLOS II DE HESPAHIA

(Continuação)

A leitura desta carta levou ao mais subido grão a aversão natural da rainha para com D. João, e accendeu de modo tal a sua colera, que estalaria com grande estrepito, se estivesse nas mãos da religiosa soberana -o perdel-o ou anniquilal-o; e se não fosse também pelo receio de desagradar altamente á corte e ao povo, que, geralmente, dispensavam ao príncipe grande estima e respeito, e defendiam publicamente o seu procedimento, dando-lhe razão e culpando a rainha e o favorito da injusta morte de Malladas e da prisão de Patino.

Estes rumores perigosos, que augmentavam de dia para dia, collocaram a rainha em a necessidade de fazer uma declaração, afirmando que aquelles dois homens haviam ido a Madrid encarregados de executar os projectos de D. João; que se convencerá d'isso pela confissão dos dois faciosos, e que só com a evidencia do crime se decidira a condemnar Malladas. O confessor, entretanto, mandou imprimir e publicar uma especie de apologia propria, em forma de representação dirigida á rainha, na qual se estendeu muito em dissertar sobre a nobreza da sua linhagem e os grandes serviços dos seus antepassados; e ao mesmo tempo accusava a D. João de haver attentado por diferentes vezes contra a sua vida, protestando por sua parte a maior innocencia na morte de Malladas e na prisão de Patino, e allegando em prova d'isso, que na occasião em que ocorreu aquella estava elle lendo o seu breviario na companhia do padre Bustos.

Pouco tempo depois, tornou novamente a rainha a apresentar ao Conselho outra accusação contra o príncipe; disse que em certa occasião fallando com um astrologo de grande merecimento, este lhe mostrou claramente ás suas ousadas pretensões e desmedida ambição, crime mui digno de castigo em um subdito rebelde e ingrato, que tantos favores recebera da corôa. Mas o príncipe tinha amigos de mais para não achar por toda a parte quem tomasse a sua defesa, e provar á evidencia que o seu nobre coração era incapaz de abrigar um designio tão cobarde e criminoso, como o do assassinato do confessor; que se houvesse concebido alguma vez semelhante projecto, muitas occasiões tinha tido para o levar a cabo, e que a melhor prova que podia dar de que nunca o pretendia fazer, era que effectivamente o não tinha feito. Que mui longe de proceder traiçoeiramente, se mostrava franco e decidido accusador do favorito, e pedia o seu apartamento da côrte, expondo-se deste modo á colera do throno: que de um lado estava um príncipe cheio de merecimentos e gloriosos serviços, e de quem a nação esperava ainda mais, e do outro um religioso estrangeiro e intrigante, sustentado unicamente pela bondade da rainha, cheio de horas, pensões e empregos importantes, e cuja saída do palacio não podia occasionar grandes perdas; e por ultimo attribuiam a este o intento de ter querido desfazer-se de D. João em Barcelona e em Consuegra, e

promover, em consequencia de seus excessos, uma revolução espontanea e geral no reino.

Tal era a opinião mais vulgar da côrte e do povo neste conflicto; tal era o objecto de todas as conversações, de todos os pensamentos; e os interesses encontrados, correndo e desenvolvendo-se em todas as classes, em todas as condições, chegaram a ter defensores até nas pessoas do bello sexo, até nas damas da côrte, que se dividiram ostensivamente em dois bandos denominados *Austriacos* e *Nitardinas*.

Em quanto as cousas apresentavam este aspecto em Madrid, D. João encaminhava-se para Barcelona. A rainha, que ignorava o seu rumo, estava na maior anciedade pelas consequências deste rompimento; mas chegado aquelle á dita cidade, dirigio a Sua Magestade outra carta mui respeitosa, na qual sem embargo insistia novamente e com a mesma energia em supplicar-lhe o afastamento do confessor. Isto, longe de aplacar a ira da soberana, dava-lhe novas forças contra -o seu ousado antagonista, e mais motivo achava para não se separar de um homem em quem depositava toda a sua confiança; e julgando que D. João se entremettia indevidamente em cousas que lhe não diziam respeito e só por uma aversão cega contra o padre jesuita, teimava em conservar este junto de si com todo o seu regio poderio, crendo com isto dar uma prova da energia da sua soberana vontade.

O padre Nitard por sua parte não sabia a que determinar-se em tão duro combate. Por um lado lisongeava-o o favor e a protecção de tão grande rainha; por outro calculava o poder e os recursos do seu adversario; temia por sua propria vida, e em cada um dos cortezãos e individuos do proprio conselho suspeitava um inimigo occulto. Todas estas reflexões o levaram, não uma vez só, aos pés da rainha para supplicar-lhe com as lagrimas nos olhos que o deixasse retirar; ella, porém, dando-lhe novas seguranças, conseguia tranquillal-o e desvanecer-lhe momentaneamente os seus justos receios.

D. João, não contente com o escrever á rainha nos termos já ditos, dirigio-se também aos ministros, exhortando-os a unirem-se a elle para sollicitarem da real bondade a separação d'aquelle estrangeiro. Estas continuas instancias enchiam de amarguras e receios o padre Everardo e de susto os amigos deste e a propria rainha, que não contando já com grande segurança, mandou vir reforço de tropas, e desejosa de romper abertamente as hostilidades, tratou de declarar rebelde D. João; aconselhada, porém, melhor, pelas pessoas do seu Conselho, a quem propozera todas estas cousas, quiz apurar os meios de conciliação, e ganhar, se podesse, por bem, a vontade do que não podia vencer com o seu rigor; e, effectivamente, escreveu-lhe uma carta muito attenciosa e estudada, mandando-o regressar a Consuegra, onde lhe garantia com sua real palavra a completa segurança de sua pessoa.

A principio D. João pôz alguma dificuldade

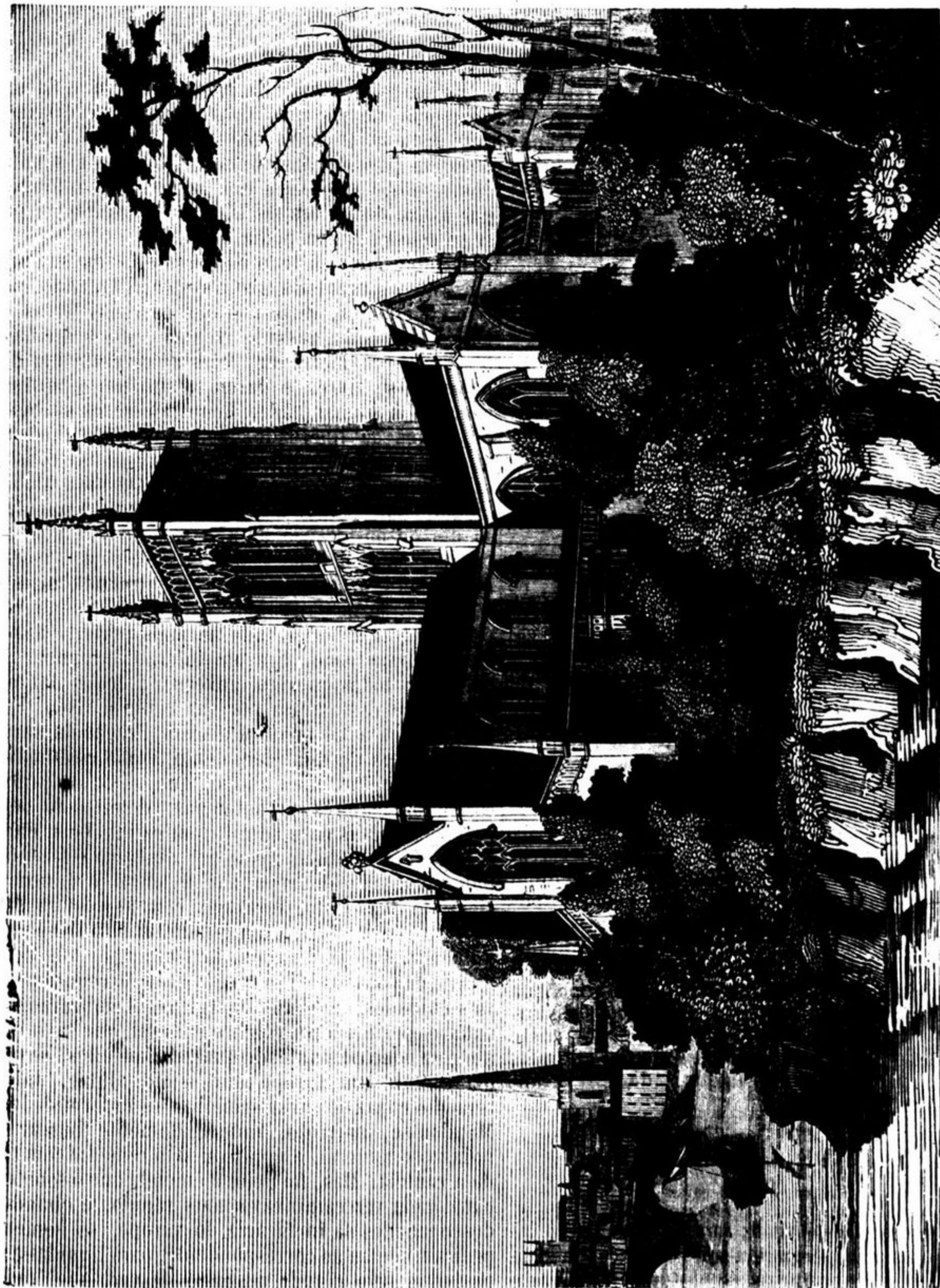
em obedecer áquella ordem real, ou porque temesse (segundo manifestou á rainha) cair de novo nas redes do padre Nitard de que por casualidade tinha escapado, ou porque, effectivamente, tivesse outros projectos mais atrevidos; mas o duque de Osuna, que ao momento governava Barcelona, lhe fallou com tanto empenho e instou tanto para que obedecesse ás ordens de Sua Ma-

gestade, que conseguiu vencel-o, e partio logo para Consuegra com tres companhias de cavallos que o mesmo duque lhe deu para o acompanhar.

(Continua)

Um amor de seis mezes na côrte é um velho decrepito.

LOUVDI.



Cathedral de Worcester

A CATHEDRAL DE WORCESTER

A 176 kilometros N.O. de Londres, e a 38 de Birmingham, da qual a separa um pequeno canal, está situada a bonita e bem construída cidade de Worcester, capital de um condado que d'ella recebeu o nome e o qual junto com o de Gloucester, forma a parte mais importante do valle de Stern, mui nomeado por sua fertilidade. A população da cidade em 1851, era de vinte e sete mil habitantes; hoje conta approximadamente trinta e dois mil. Ainda no seculo passado, Worcester era mais uma cidade de recreio do que, como quasi todas as outras da Inglaterra, uma cidade industrial; no presente seculo, porém, as industrias tem ali bastante progredido, e na actualidade conta um grande numero de fabricas, entre as quaes sobresaem as de porcellanas, de luvas e de calçado, e é centro de um grande commercio de cereaes. Ao norte encontra-se grande abundancia de carvão de pedra, e as melhores salinas da Inglaterra são as de Droitwich, logar que fica a mui curta distancia de Worcester.

Foi n'esta cidade, outr'ora *Caer Guorargon* uma das principaes dos Bretões, e segundo bispado de Mercia no tempo dos Saxonios, que Cromwell ganhou uma assignalada victoria sobre os realistas, em 1651.

Os principaes edificios de Worcester são a prisão nova, o hospital, o theatro, e a soberba cathedral, cuja perspectiva se vê na gravura que acompanha este artigo, e que é, talvez, um dos templos mais elegantes da nação britannica. Esta cathedral foi construída pelos annos 680, e dedicada originariamente a S. Pedro; no oitavo seculo, porém, recebeu a denominação de Santa Maria, pela qual hoje é conhecida. Mas não se julgue, que esta igreja não soffreu a mesma sorte que todas as demais da Inglaterra. Em 1041, os soldados de Hardicuto devastaram-na; em 1103 e 1202, foi victima de dois incendios, cujos estragos, felizmente, foram pouco consideraveis, e no reinado de Carlos 1.º as tropas do parlamento invadiram-na e praticaram ali as maiores profanações: abriram os tumulos, roubaram a bibliotheca, fizeram quartel da casa do capitulo, e, enfim, os objectos mais venerandos serviram-lhes de brinquedo. Annos depois foi reparada e o seu estado actual não é de ruina.

A fórma d'esta cathedral é a de uma cruz com dois braços, e a sua architectura d'estylo gothico: mas, á excepção da torre, o templo não tem profusão de ornamentos como se encontra em quasi todos os d'este genero. Os principaes monumentos que contém são os tumulos do rei João, d'Elysa Digby e o do bispo Hough pelo celebre Roubillac, o maior esculptor que teve a Inglaterra. Entre os seus bispos distinguem-se Wolstan, a quem se deve a maior parte do edificio que hoje existe, e Hough-Latimer, um dos primeiros reformadores da igreja anglicana.

O CONDE ALLAMISTAKEO

Fim da primeira parte.

Citei-lhe então os aços; mas o estrangeiro levantou o nariz e perguntou-me se os aços modernos poderiam executar as esculpturas tão vivas e

nitidas que adornam os obeliscos e que foram inteiramente executadas com instrumentos de cobre.

Isto embarçou-nos de modo tal, que julgámos mais acertado fazermos uma diversão sobre a metaphysica. Mandámos buscar um exemplar de uma obra, cujo nome não me lembra, e lemos-lhe um ou dois capitulos sobre um assumpto que não é lá muito claro, mas que os nossos sabios definem: Grande Movimento ou Progresso.

O conde disse simplesmente que no seu tempo os grandes movimentos eram cousas terrivelmente communs, e que, em quanto ao progresso, foi em certa época uma grande calamidade, mas que nunca progredio.

Fallamos-lhe então da grande belleza e da importancia do governo constitucional, e tivemos não pequeno trabalho para fazer ver ao conde a natureza positiva das vantagens de que nós todos gosávamos, vivendo em um paiz onde o suffragio, por assim dizer, era *ad libitum*, e onde o rei por si só cousa alguma podia fazer.

Escutou-nos com todo o interesse, e, em summa, mostrou-se encantado com o systema. Quando, porém concluimos, disse-nos que nas suas terras já outr'ora se tinha passado alguma cousa semelhante. Treze provincias egypcias resolveram um dia tornarem-se livres e darem assim um manifesto exemplo á humanidade. Reuniram-se os sabios e os amigos da liberdade, nomeou-se um chefe *in nomine*, e organisou-se a mais engenhosa constituição que é possível imaginar. Durante algum tempo, caminharam as cousas maravilhosamente: só um ou outro caso de abuso, da parte dos ministros. Mas, depois, como era de esperar, morto moralmente o chefe supremo, e entregue o mando a homens de maus costumes e de reconhecida incapacidade, degenerou tudo na mais perfeita anarchia e despotismo. Era um inferno: ninguem se entendia; todos queriam governar; todos faziam leis; todos castigavam por sua conta e risco. Em fim, chegou a tal ponto a desmoralisação da parte dos gerentes do estabelecimento, como costumava dizer um velho, meu amigo, que, além de praticarem as maiores prepotencias, demittindo empregados habeis para admittirem os inhabeis, dando empregos e distinctivos por dinheiro e fazendo tudo quanto pôde repugnar á moral e á razão, além de tudo isto, levaram, com as costumadas sangrias, o thesouro a um estado tal de abatimento e doença, que já ninguem arriscava por elle uma moeda de papyrus! Tão critica situação requeria serios cuidados, medidas energicas. Lembraram-se então os peritos de um celebre mineral, que havia em um paiz pouco distante, do qual, diziam elles, se podia extrair um xarope muitissimo salutar, unico remedio capaz de curar semelhantes enfermidades. Mandou-se, portanto, immediatamente buscar o milagroso mineral, e applicou-se o remedio com toda a cautela. Mas, foi peor a emenda que o soneto: o mal cada vez caminhava mais rapido, e quando, desenganados da inefficacia do xarope, os homens pediram contas ao correspondente, para liquidal-as, passaram pelo grande desgosto de ver, que, todo

o paiz em peso com todos os seus habitantes, não chegava para satisfazer a quantia exigida. Foi então que os povos acordaram do longo e pesado lethargo em que até ali tinham jazido; sublevaram-se, castigaram severamente os gerentes dos seus negocios, e nomearam um monarcha absoluto, porque, diziam elles, mal por mal, antes aturar um tyranno que mil. Effectivamente, dentro em curto periodo, dominava o absolutismo. Eis como terminou esta questão de liberdade.

— E cessaram os abusos com o novo systema? — perguntou o barão de Souza — viveram felizes e tranquillos os povos d'ahi em diante?

— Qual historia! — respondeu o conde. — Ainda não tinham decorrido seis mezes, já tudo gritava contra o soberano que, guiado pelos falsos conselhos dos aduladores que o rodeavam, se tornara o maior despota e trazia todo o povo sob um jugo insupportavel.

— Eu entendo de mim para mim — disse emphaticamente um official de sapadores, que até ali não proferira uma palavra — que todos os governos são maus.

O conde, que não tinha ainda reparado n'este novo personagem, examinou-o com a luneta durante alguns momentos, e por fim exclamou com certa indiferença:

— O que o obriga a fallar desse modo?

— A longa pratica que tenho das cousas deste mundo — tornou o official. — v. ex.^o; de certo, não conhece ainda os homens; porque se os conhecesse não se mostraria tão admirado do que eu ha pouco disse. Não ha governo possivel, acredite. Todo e qualquer systema por mais...

— V. ex.^o — interrompi eu, dirigindo-me ao conde, para evitar que o pobre sapador dissesse algum grande disparate, e por consequencia ficassem todos considerados como perfeitos asnos — V. ex.^o poder-me-hia dar alguns esclarecimentos sobre a instrucção publica no seu paiz?

— Da melhor vontade — respondeu a mumia — mas noto que os senhores todos, mais ou menos, estão a braços com o destemido Morpheu, e por isso acho mais prudente deixarmos a palestra para outra occasião.

— Ó senhor conde! — exclamou o padre Gilberto — estamos todos satisfeitos; e bem sabe que quando a companhia é sympathica e a conversação animada e instructiva, é perfeitamente impossivel ceder ao somno.

— Concorde — tornou a mumia — o assumpto, porém, é vasto e complicado; vae roubar-nos agora muito tempo, e os meus amigos necessitam de descanso; e eu, fallando-lhes com franqueza, acho-me tambem fatigado.

— Como fôr da vontade de v. ex.^o — disse o doutor Alexandre, que já havia um bom bocado não fazia senão piscar os olhos — E nesse caso... — continuou, voltando-se para os de mais da companhia.

— Nesse caso — disse eu, pegando no chapéo e fazendo uma rasgada cortesia — se me permittem, retiro-me.

— E nós igualmente — disseram todos os outros a um tempo.

O conde recebeu as nossas despedidas com muito agrado, e todos promettemos voltar nesse mesmo dia.

Eram quatro horas e meia quando entrei em minha casa. Minha mulher disse cousas de fazer desesperar um santo; mas eu não lhe dei resposta, e do que tratei unicamente foi metter-me na cama. As dez horas levantei-me, almocei, e em seguida tomei estas notas para instrucção de minha familia e da humanidade. Depois de jantar tenciono ir visitar a mumia e desalfal-a para dar um passeio pela cidade.

Queixam-se muitos dos nosso escriptores de que as suas obras não teem aquella extracção que deviam ter, e que esse mesmo pequeno consummo cujo producto, a maior parte das vezes, mal chega para cobrir as despezas da impressão, é extremamente moroso, não obstante os multiplicados annuncios nos jornaes, cartazes nas esquinas e as mais altas diligencias empregadas pelos vendedores. Teem carradas de razão. Mas qual é a origem d'esse *oidium tuckery* que ataca toda a nossa litteratura? Julgam que dimanada pouca sympathia dos portuguezes pelas letras? Enganam-se! O mal vem do pessimo gosto, da falta de expressão e de verdade nos titulos dos livros! Que interesse poderá excitar, por exemplo: *Camões, Viagens na minha terra, O Monasticon, Amor e Melancolia, Queda de um anjo, D. Jaime*, etc? Qualquer d'estes titulos dizem alguma cousa? — Não dizem nada!

E, pois, necessario mudar de systema, não só para o bom resultado dos trabalhos, como tambem para sair-se d'este marasmo em que se vive: titulos pomposos... titulos que exprimam... enfim, pouco mais ou menos, como os seguintes, que poderão servir de norma:

Desempenho festivo, ou triumphal apparatus com que os illustres Bracharenses pelas ruas da Augusta Braga tiraram a publico o Eucharistico Manná da Lei da Graça, Epilogo de Maravilhas, saboroso sustento de angelicos espiritos, e saboroso Corpo de Christo sacramentado em o anno de 1729: por José Leitão da Costa. Lx.^o por Ant.^o Pedroso Galvã 1729. 4.^o

Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos menores, Hercules portuguez, divino Atlante, St.^o Ant.^o Parte 1. Sobre a vida do Santo do tempo da sua meninice até se exercitar no officio de Mestre. Lx.^o por H. Valente d'Oliv.^o 1663. 4.^o

2.^a Parte. Do tempo em que o Menino Jesus se lhe poz em os braços até que na eternidade se lhe manifestou glorioso. Lx.^o por Dom.^o Carn.^o 1669. 4.^o

D. Madalena da Gloria. Astro brilhante em novo Mundo, fragrante flor do Paraizo plantada no Jardim da America — Historia Panegyrica de St.^a Rosa de S. Maria. Lx.^o 1733. 8.^o

Agua Real, Phenix abrasada, pelicano amante — Historia panegyrica e vida prodigiosa do inclito Patriarcha S. Agostinho. Lr.ª 1744. 4.ª

A Fenix de Portugal, a Flor transformada em Estrella, a Estrella transformada em Sol. A Ideia moral e politica, e historia de tres Estados, discursada na vida da Rainha Santa Isabel, Infanta de Aragão, fragrante flor: casada com Elrei D. Diniz de Portugal, estrella resplandecente; viuva terceira de S. Francisco, Sol flamante. Offerecida á Sern.ª Sr.ª Princeza a Infanta Nossa Senhora a Sen.ª Isabel Maria Josepha etc. Por Fr. Antonio de Escolar. Cintra por Manuel Dias 1680. 4.ª

TERÇA FEIRA!

(Continuação)

III

— «Filho, filho, ergue-te, acorda
«Para que, só Deos o sabe.»
E em lagrimas lhe trasborda
A dôr, que na alma não cabe.

«Sonhavas talvez brinquedos,
«Pois que sorrias, dormindo.
«Verás brincar nos rochedos
«Esse mar, que está bramindo.

«Vae, ainda quente do berço,
«Inda quente dos meus beijos.
«Para um mundo bem diverso
«Do sonhado em meus desejos.

«Vae; tu, que sempre dormiste
«Ao som de minhas cantigas.
«Ouvirás a canção triste
«D'essas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,
«Ao passo que eu choro tanto!
«Pois não sabes o sentido
«D'este doloroso pranto?

«Não sabes, que se me parte
«O meu coração no peito.
«Ao vir assim acordar-te
«Em teu socegado leito?

«Não sabes que a minha vida,
«Pobre filho, vae contigo.
«E que n'esta despedida
«Deixas p'ra sempre este abrigo,

«Este abrigo do meu seio,
«Trocado pelos cançãos?...
«Não sei, não sei que receio,
«Ao tirar-te dos meus braços.

«Choras filho? Ai, não, não chores,
«Que me tiras todo o alento.
«Já me bastam minhas dores,
«Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares
«Se alevantam com tormentas.
«Não chores, que, se chorares,
«O meu pesar accrescentas.

«Socega. Esta cruz benzida
«Leva contigo e descança;
«Pois quem é tão bom na vida,
«Deve em Deus ter confiança.

«Vae, que eu, á Nossa Senhora,
«Aquella virgem das Dores
«Que é a tua protectora,
«Resarei, logo que fóres.

«Limpa essas lagrimas, vamos,
«Que teu pae t'as não conheça.
«É a oração, que te ensinamos,
«Ai vê la; nunca te esqueça.»

E vio-os partir. E o pranto
Lhe inunda as faces. Desmaia.
Dos pescadores o canto
Se escuta ao longe na praia.

Ó que tristeza tamanha!
Que presentimento amargo
Quando as lanchas da companhia
Se fazem, remando, ao largo.

Junto á imagem de Maria
Esta outra mãe dolorosa
De joelhos, todo o dia,
Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó mãe de Deus! luz divina,
«Que alumias nossas almas!
«Ó estrella matutina,
«Que as tempestades acalmas!

«Baixa á terra esses olhares,
«Nossa única esperança,
«E voltando-os sobre os mares,
«Protege aquella criança!

«Compadece-te, Senhora,
«D'estas lagrimas sentidas.
«E estende a mão protectora
«Sobre aquellas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as aguas
«Todos quantos estremeço;
«Mãe, que entendes minhas magoas,
«Vê se essas vidas tem preço.

«Pela angustia, que sentiste
«Junto da cruz, ó Maria,
«Vale-me n'esta hora triste,
«Vale-me n'esta agonial»

No meio da ardente prece,
Ergue-se inquieta, palpita.
Fitando o ceo, que escurece,
Ouvindo o mar, que se agita.

Era ao tempo das trindades;
As aves, que presagiam
O chegar das tempestades,
Amedrontadas gemiam.

A mãe segue na carreira
Uma vaga e outra vaga.
«Terça feira! terça feira!»
Lhe diz uma voz presága.

Já treme. Os olhos velados,
Onde a angustia se revela,
Pelos mares agitados
Não descobrem uma véla.

E as nuvens correm velozes,
E o vento revolve a areia.
Ouvem-se confusas vozes
Na praia de gente cheia.

(Continua)